ANO I — N.º 9 — 17 DE JULHO DE 1941 — PREÇO: 1 ESCUDO

Vida Mundial Ilustrada

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

AS OPERÁRIAS PORTUGUESAS JÁ FAZEM GIMNÁSTICA. Os cursos da F. N. A. T., que se apresentaram em público, há dias, demonstram-no exuberantemente.

Redacção e Administração: Rua Garrett, 80, 2.º Lisboa Telefone 25844

Vida Mundial Ilustrada

JOSÉ CÂNDIDO GODINHO
Director

JOAQUIM PEDROSA MARTINS
Editor e Proprietário

NOS PRÓXIMOS NÚMEROS, COLABORAÇÃO DE

PROF. DR. MANUEL RODRIGUES
PROF. BARBOSA DE MAGALHÃES
FERREIRA DE CASTRO
PROF. DR. HERNÂNI CIDADE
GENERAL FERREIRA MARTINS
MANUEL L. RODRIGUES
AUGUSTO PINTO
S. SCHMULEVITZ

ASSIS ESPERANÇA
DR. SOUSA COSTA
ROBERTO NOBRE
EDUARDO DIAS
DR. CASTRO FERNANDES
DR. JOSÉ RIBEIRO DOS SANTOS
DR. CAMPOS PEREIRA
MANUELA DE AZEVEDO

DR. ANSELMO VIEIRA
JOAQUIM PAÇO DE ARCOS
JOSÉ LOUREIRO BOTAS
MARIA ARCHER
GRACIETTE BRANCO
BRAMÃO DE ALMEIDA
MÁRIO BARROS
Etc.

Conferências e conferentes

Na Argentina aconteceu, há anos, a um escritor francês de talento, um desaire que, por invulgar, foi, pelas agências de informação, telegrafado a todos os pontos do globo.

Paulo Adam fazia, num dos melhores teatros de Buenos Aires, uma conferência. E, a-pesar-das entradas serem pagas e a sala grande, a lotação esgotou-se...

O público, na sua maioria composto de freqüentadores de teatro, esperava, porque pagara, ver um espectáculo. Dêle eram motivos de atracção: a figura do conferente (pois constitui prazer observar, em carne e osso, o escritor que se admira através das fôlhas de papel enegrecidas de caracteres tipográficos); a sensação agradável de o ouvir falar e ainda — o que é também natural — a substância dos seus conceitos, as suas ideias — se as tem ou sabe fingir tê-las — e a elegância literária das suas frases.

Êsse público exigia do literato que fôsse, cumulativamente, um actor. Pretendia que o seu físico o impusesse; que uma boa dicção valorizasse as suas palavras e estas se animassem por uma gesticulação apropriada.

Nada disso aconteceu. Paul Adam não era, fotogènicamente interessante, ao contrário do que sucede a muitos imbecis. Não sabia ler, isto é não tinha inflexões. Tudo o que escrevera, ia lendo, no mesmo tom, numa voz quási sem timbre, vagarosamente. Ao fim dalguns minutos, era de monotonia o ambiente na sala. Depois, de

aborrecimento. E, quando já era grande o enfado, Paulo Adam praticou um gesto infeliz: exibiu um grande volume de «linguados» ainda para leitura.

Um espectador, depois de lhe pedir licença para o interromper, observou-lhe:

— Não se incomode mais, sr. Paulo Adam. Pode ficar por ai. A gente lê amanhã o resto no jornal.

A sala não reagiu. Paulo Adam encordoou. E a conferência não prosseguiu.

Tinha o público razão?

É conforme a maneira por que se encare o caso. Há quem pretenda que a conferência é uma arte e o conferente um artista. Êste, em vez de escrever, improvisará. Dará à conferência, seja fútil ou profundo o assunto tratado, o tom ameno, leve, espirituoso que constitui o segrêdo do encanto de todos os grandes conversadores. Se não tem estas qualidades, deixe-se ficar em casa, embora seja um génio. Se as possue, venha ao encontro do público, ainda que seja um medíocre. Há os que pensam de maneira oposta. Afirmam êsses que escritores de génio como Anatole France, não foram, como conferentes, famosos. E sustentam que a conferência, encarada como espectáculo, é uma arte inferior.

Perante estas duas opiniões tão opostas achamos preferível não dizer para qual nos inclinamos. Em primeiro lugar, porque é cómodo não ter opiniões. E, em segundo, porque não deixa de ser amável confessar que aceitamos, de antemão, que o público tem sempre razão, mesmo quando ela de nenhum modo lhe assista...

CRISTIANO LIMA

Um problema literário

A biografia como obra de arte

por Alberto Xavier

COM intervalo de pouco mais de dois anos, Carlos Olavo deu a lume duas obras: **A Vida Turbulenta de José Agostinho de Macedo**, em Abril de 1939, e **João das Regras**, mais recentemente, em Maio último.

Qual o verdadeiro carácter dêsses livros? Nenhum juízo convincente e seguro pode formular-se sôbre êles sem, em primeiro lugar, se determinar a natureza das duas produções. Carlos Olavo é impreciso quanto explica os seus propósitos. Trata-se, a meu ver, na essência e na forma, de biografias, no significado moderno do termo.

Mas a biografia é um ramo de história. Como se distinguem? Esta visa a descrever os destinos da comunidade, a evocar uma época no seu conjunto, a dar impressões verídicas da natureza humana em geral. A biografia, pelo contrário, tem um objectivo mais limitado, propõe-se o estudo duma alma humana, a pintura do individual, onde a história participa e colabora como elemento esclarecedor, e onde o biógrafo utiliza êste elemento elucidativo e complementar tal como o pintor de retratos escolhendo o fundo adequado e sugestivo para colocar o seu modêlo.

A biografia desde a antiguidade clássica evolucionou com aspectos diversos até chegar ao que se chama hoje a **biografia moderna**, inspirada no sentimento da complexidade e da mobilidade dos sêres humanos. As personagens de Plutarco, e mais tarde, as de Vasari, o grande biógrafo dos pintores da Renascença, não são homens completos, homens verdadeiros. A verdade, nessas espécies de biografias, ou é embelezada ou deformada. Domina nelas, bem como nas muitas outras que no decorrer dos últimos séculos se produziram, a idéia da virtude, o respeito pelas conveniências, o propósito de ser discreto, elogioso, casto, severo. A vida privada do homem, as suas ocupações quotidianas, as suas fraquezas, os seus desregramentos, as suas faltas, as suas estravagâncias, eram passadas em silêncio. A humanidade, nos tempos actuais, mais céptica que nunca, recusa-se a aceitar semelhante deformação da verdade ou carência dela.

Há biografias que são a acumulação duma massa amorfa de materiais mal dirigidos, escritas num estilo mais que descuidado, ilegível, compostas num tom morno e sêco de aborrecidos panegíricos, elaboradas com uma ausência lamentável de escolha, de relêvo, de desenho. São dêsse tipo as biografias inglesas da época da Rainha Vitória, entre as quais as melhores, em todo o caso, são as obras de Trevelyan, autor de **Life and Letters of Lord Macaulay**, e as de Lockhart, autor de **Theodore Hook, a Sketch**. Tais produções, aliás idênticas às publicadas noutros países, têm principalmente o valor de documento a guardar respeitosamente nas estantes duma biblioteca como ornamento erudito ou meio de consulta.

Outras biografias entram abertamente no domínio literário, a despeito da amplitude substanciosa da documentação em que se baseiam, as quais tôdas as pessoas cultas podem ler com interêsse, agrado e proveito, por serem bem escritas, com mais ou menos elegância, com mais ou menos fulgor, mas sempre distinguindo-se pela clareza e fôrça dedutiva e persuasiva. **Gambetta**, de Paul Deschanel, **Mirabeau**, de Louis Barthou, **Dante**, de Giovani Papini, **Filinto Elísio e Vida de Camões**, de Teófilo Braga, **D. Sebastião** e **D. Francisca de Aragão**, de Queiroz Veloso, eis alguns exemplos dessa categoria entre tantos que se poderia citar.

A tendência, nos últimos tempos e no presente, assinala-se e acentua-se cada vez mais no sentido de imprimir às biografias o carácter de obras de arte e de as considerar também como meios de expressão. Parecerá estranho que personagens reais de biografia possam constituir objecto da feitura duma obra de arte. Mas — convém notar — o traço comum, essencial, das obras de arte é o de estas visarem assuntos naturais que são reconstituídos por um espírito humano.

Quando um escritor se interessa ou se apaixona pela vida dum homem e, tendo à sua disposição um certo número de documentos históricos infragáveis, um certo número de testemunhos de valia a respeito do herói em quem recaíu a escolha e a preferência, pretende descrever a sua existência, a sua acção, o seu papel no mundo espiritual ou político ou social da época em que viveu, e quere desenhar um retrato pondo, nesta tarefa, prazer, sensibilidade, gôsto, acuidade de análise psicológica, e possue, além disso, o dom de expôr num estilo vivificado de imagens e animado de chama íntima — êsse escritor fará uma transposição artística da realidade, efectuará uma obra de arte.

Não é aqui o lugar para o desenvolvimento dêstes princípios. Vamos aos exemplos para abreviar. O caso do inglês Lytton Strachey é elucidativo e eloqüente a êsse respeito. Tem-se dito, com razão, que a Inglaterra é o país do romance, género que na sua fecunda e brilhante literatura ocupa de facto uma categoria de género de primeira ordem, género admirável. Mas ela é também o país da biografia. Pois bem. Strachey, com as suas obras **Eminent Victorians** e **Queen Victoria**, surgiu a infligir um rude golpe nos tradicionais métodos, insípidos e sêcos, até então postos em prática pelos seus compatriotas e por outros biógrafos europeus, imbuídos duma admiração sem reservas pelos heróis escolhidos, preocupados em reünir sôbre uma personagem uma massa amorfa de materiais de difícil assimilação. Strachey mostrou como era possível fazer da biografia uma obra de arte.

Outros exemplos são dignos de referir. **Bismarck**, **Goethe**, **Napoleão** de Emílio Ludwig, **Erasme** e **Maria Antonieta** de Stefan Zweig, **Balzac** de Ernest Curtius, **Démostène** de Clemenceau, **La Vie de Cervantes** de Raymond Recauly, **La Vie de Disraëli** e **Chateaubriand** de André Maurois, **Napoléon** de Louis Madelin, **Madame Récamer et ses amis** de E. Herriot, **A Vida de Nuno Álvares Pereira** de Oliveira Martins — são biografias no sentido moderno, ultrapassando o domínio puramente literário, embrenhando-se de arte; e, para alguns dêsses célebres escritores, elas constituíram meios de expressão, isto é, corresponderam a uma necessidade secreta das suas naturezas, foram uma ocasião para traduzirem os fortes sentimentos experimentados pelos seus autores e acumulados, há muito, nas suas almas.

É claro que as biografias como produções de arte variam de valor segundo o talento do biógrafo, o seu poder evocador, a sua fôrça emotiva, as suas faculdades de narrar; sobrepujam em interêsse conforme a grandeza épica do biografado, a maior ou menor complexidade da sua personalidade, a maior ou menor repercussão dos seus feitos, acções e obras. Cervantes, Goethe, Napoleão, Balzac, Chateaubriand... dominaram uma época, foram génios imortais, sêres humanos dotados de excepcionais qualidades, cujas actividades deixaram traços indeléveis na memória dos homens, provocaram a admiração universal. São personagens de primeira plana cujas vidas, procedimentos e manifestações de espírito e de vontade prestam-se a pinturas morais intensas de côr e de variedade, ricas de sugestões, eloqüentes em suma.

Carlos Olavo interessou-se por duas figuras relativamente mais modestas do nosso passado literário ou político. Quis pintar-lhes o retrato. Que fêz para conseguir êste objectivo? Manipulou com finura e habilidade os elementos necessários recolhidos dos dados concretos da nossa história nacional e dos documentos compulsados, escolheu as verdades que transmitem a personalidade, procedeu como os pintores retratistas e os pintores paisagistas: isolou o que havia de essencial no conjunto complexo da vida dos biografados.

Nessa fixação do essencial, alguns pormenores, aparentemente secundários, são por vezes os mais interessantes para nos dar uma idéia do que era realmente o herói escolhido para uma biografia. Assim, o tom da sua voz, a forma da sua conversação, certo aspecto físico, certos gestos familiares, certas maneiras habituais de se exprimir, são outros tantos elementos que não podem ser perdidos de vista. Carlos Olavo, na **Vida de José Agostinho**

(Continua na pág. 12)

Uma tarde com o Dr. VEIGA SIMÕES antigo ministro de Portugal em Berlim

O SR. DR. VEIGA SIMÕES, distinto diplomata, antigo ministro dos Negócios Estrangeiros, desempenhou até há pouco tempo, pela segunda vez, o lugar de ministro de Portugal em Berlim. De regresso a Portugal, passou a viver no Estoril, onde o fômos surpreender junto de sua família, e onde, uma tarde destas, conversámos sôbre os seus projectos futuros. Homem de letras, o sr. dr. Veiga Simões aproveitou estas suas férias da actividade diplomática para escrever dois livros sôbre história portuguesa — o primeiro dos quais deverá ser pôsto à venda nas livrarias muito brevemente. Nesta foto, o sr. dr. Veiga Simões conversa animadamente com o nosso director, seu amigo pessoal de há muitos anos.

O ANTIGO MINISTRO DE PORTUGAL EM BERLIM conta seguir, por êstes dias, para o Brasil, em viagem particular. Irá acompanhado por sua espôsa, com quem o vemos aqui a passear no Parque do Estoril, onde a objectiva do nosso fotógrafo os surpreendeu, num flagrante curioso.

O SR. DR. VEIGA SIMÕES, ao cabo de oito anos de ausência de Portugal, volta a ver a sua família. Vemo-lo aqui com uma sua afilhada que o foi visitar ao Estoril. É a gentil filha do dr. Lopo Simeão, antigo primeiro secretário da Legação de Portugal na capital do Reich. — (Fotos com películas «Ferrania»).

CALÇADA DA GLÓRIA

NOMES

MARIA Archer — a escritora da *Africa Misteriosa* — tem duas criadas de Vilarinho da Castanheira, pequena povoação à beira do Douro. Essas duas criadas chamam-se: Umbelina e Silvia. Alguns nomes de pessoas que visitam as duas criadas: Jazidra, Altina, Cerisa, Miraldina, Albunina, Bazalisa e Umèra. Até o primo se chama... Astragildo...

CONSELHEIROS

O sr. Dr. Teixeira Direito, ilustre juiz do Supremo Tribunal de Justiça, não quere por coisa alguma do mundo — que o tratem por conselheiro... Ora aqui está como um homem transformou em vaidade — a sua proverbial modéstia!

FOTOGRAFIAS

SEGUNDO informações colhidas nos meios competentes, o conhecido fotógrafo Salazar Diniz tem uma decidida predilecção pelas máquinas fotográficas Leica. De-certo por isto, já lhe chamam por aí — o Bela Leica...

RAINHAS

CRISTINA da Suécia, mulher de alta cultura e de fina inteligência, contemplava certa ocasião a célebre estátua de Bernin, *A Verdade*, quando um cortesão se permitiu dizer-lhe:

— Vossa Majestade é a única, entre os soberanos, a quem a Verdade agrada.

Imediatamente, a Rainha respondeu-lhe:

— É que nem tôdas as verdades são de mármore, como esta...

NAPOLEÃO DANÇARINO

SEGUNDO tôdas as probabilidades históricas, Napoleão não era positivamente um grande dançarino. Certa vez, durante a sua estadia em Varsóvia, depois do tratado de Tilsit, teve de assistir a um baile. A seguir a uma contra-dança em que dançou com a condessa Potoka Wonsewier preguntou-lhe, num sorriso:

— Acha, condessa, que eu danço bem?

Logo a condessa:

— Explendidamente — para um homem da sua categoria...

IDALINA

ESTA Idalina de Oliveira, rapariga viva e engraçada, que o bom Destino guindou a quási vedeta da última companhia do *Apolo*, bateu já dois ou três *récords* de natação. Por êste facto, ao preguntarem um dia o que é que ela fazia no teatro, a má-língua alfacinha apressou-se a responder *carrément:*

— Nada!

Oh! pérfida injustiça!

UM DITO

EM determinada emprêsa, aliás opulentíssima, e cujo objecto é a refinação de petróleos e venda de gasolina, estão como altos funcionários algumas pessoas que se ufanam, de certo com razão, dos seus pergaminhos. Mas a ironia lisboeta não perdôa e por isso já lhes chama:

— Os bidons!

UM CARICATURISTA CARICATURADO

Êste Francisco Valença é irònicamente o terror dos burgueses. E não parece. Fisicamente é a pessoa mais tímida, mais cândida, mais virginal dêste mundo. Dá-nos a impressão, ao vê-lo, dum lírio — com bigode à americana. Mas pegue num lápis e numa fôlha de papel, — e logo êle se encrespa, se transfigura num D. Quichote audacioso. Ninguém lhe resiste. Não poupa ninguém. O seu lápis transforma-se num florete. A sua fôlha de papel branco dir-se-ia um campo de batalha. Autêntico mestre da caricatura, poucos se poderão gabar, como êle, de fazer ou desfazer uma reputação em meia dúzia de traços. Colaborador disputado de quási todos os jornais e de quási tôdas as revistas da especialidade, até já colaborou no «Diário do Govêrno», honra que a nenhum outro caricaturista foi concedida. Tendo começado na idade da pedra — a pedra das aulas primárias — chegou, fresco, risonho, esfusiante, à idade do ferro. As suas caricaturas contam-se por milhares. O seu lápis é permanente — como a sua caneta. Dentro do seu envólucro de pomba sem fel, há fel de ironia que chega para seis milhões de habitantes. Domèsticamente é uma joia. Em marido — é mesmo uma desvanecedora excepção. Certa vez preguntaram-lhe:

— Ó Valença, você é Valença do Minho?

— Não, sou da minha...

E logo acrescentou, num sorriso:

— Da minha... mulher, é claro...

E é mesmo! É um marido modêlo. A espôsa é a única pessoa que êle nunca caricaturou, não por medo, mas por respeito...

PÉS

PREGUNTARAM uma ocasião ao célebre milionário André Carnegie qual era, em seu critério, o factor mais importante da indústria: se o trabalho, se o capital, se a inteligência. Carnegie não hesitou um segundo:

— Podem-me dizer qual é o pé mais importante numa mesa de três pés?

HERMÍNIA SILVA

TODOS conhecem Hermínia Silva, a popular actriz do *Maria Vitória*. Mas talvez nem todos saibam que ela tem um *fox-terrier* — que é um dos seus encantos. Mas se souberem isto, o que não sabem com certeza é o que vou dizer-lhes: o *fox-terrier* de Hermínia Silva é doido por azeitonas e, sempre que as come, deita fóra os caróços — como qualquer *gentleman*...

PANAMÁ

O dr. José Ribeiro dos Santos, infatigável chefe de redacção da *República*, inaugurou, há dias, a época de verão, surgindo aos seus amigos com um flamantíssimo Panamá. Chapéu há muitos — diz-se. Mas como aquele não há nenhum. Expressão suprema de doçura — é feito de palha de abade: símbolo transparente de frescura — até tem chuveiro...

PARES DE BOTAS

O sr. Dr. Júlio Dantas foi visto uma noite destas examinando a montra duma sapataria existente defronte do *Avenida-Palace*. Com que íntima melancolia o nosso actual escritor mais salto à Luiz XV teria contemplado aqueles estranhos sapatos de sola de cortiça — autênticos pares de botas, símbolos da época em que vivemos!

MEDICINA

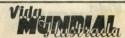
ALBERTO Bramão, espírito infatigàvelmente moço, autor dum livro, *Recordações*, que é uma maravilha de graça e de observação, contou-me, há dias, êste episódio passado na côrte. O grande médico Carlos Tavares era clínico do Paço. Um dia D. Carlos e D. Amélia discutiam, em perfeito desacôrdo, um ponto de medicina. Em certa altura D. Carlos pediu a Carlos Tavares, que assistia ao debate, a sua opinião. O médico, porém, não querendo desagradar a nenhuma das partes, limitou-se a responder, com risonha modéstia:

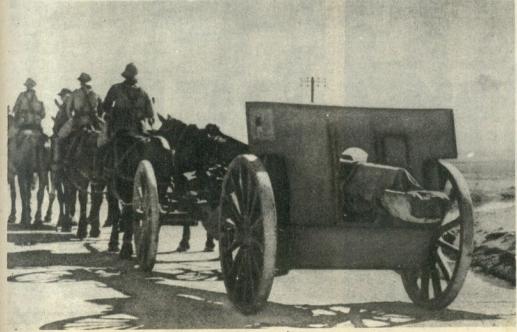
— Ó meu senhor, eu de medicina não percebo nada...

INFORMAÇÕES

MARIANO de Carvalho costumava dizer:

— Quem me informa imparcialmente do que vai pela política é uma mulherzinha, que é peixeira, e que vem todos os dias a minha casa — vender-me o seu peixe... Percorre todos os bairros de Lisboa — e sabe tudo. Não quero outra fonte de informação...

Luís d'Oliveira Guimarães

a Guerra na SIRIA

NA CAMPANHA DA SIRIA tomam parte activa soldados «gaulistas». Êstes franceses trazem o capacete do exército da sua pátria, mas envergam o uniforme inglês, com charlateiras tricolores e o nome «França» bordado no ombro (à direita). Em baixo: o general Dentz, que pediu aos ingleses o armistício na Síria; uma bateria das fôrças fiéis a Vichy.

O GENERAL LEGENTILHOMME, ajudante de De Gaulle, comandante das fôrças aliadas na Somália e das «tropas francesas livres» que invadiram a Síria, foi ferido em combate. Restabelecido, voltou já a ocupar o seu pôsto, tendo o ataque a Beirute sido feito sob as ordens do seu comando.

NA EMBAIXADA DO BRASIL, foi prestada homenagem à Missão Especial que parte amanhã para aquêle país com um honroso encargo. (Foto «Ferrania»)

VARELA ALDEMIRA, distinto artista, efectuou na Sociedade das Belas Artes uma conferência sôbre o «Grupo do Leão» e os seus ilustres componentes.

OS CONCORRENTES REPRESENTANTES DAS VÁRIAS COMPANHIAS PETROLÍFERAS que receberam prémios das provas organizadas pelo Vacuum Clube.

O COMANDANTE DA 1.ª REGIÃO MILITAR, acompanhado dos seus ajudantes e da oficialidade do Regimento de Cavalaria 6, assiste ao juramento de bandeira.

Panorama Internacional

Competições aceleradas

por Francisco Velloso

De dia para dia, ganha novas demonstrações a impressão de que a Inglaterra estuga o passo e enfebrece nos seus esforços para se lançar a fundo na ofensiva geral e sinérgica que determinará a decisão da guerra. Vai trepidação de levante no Império em aprestos de tropas e de material para corpos expedicionários. As declarações políticas em Londres tomam, sem possível dúvida, um carácter terminante que as colocam muito longe das explicações de factos consumados, das afirmações de princípios e até dos simples apêlos emocionantes à coragem e à esperança. Nas chancelarias a voz britânica ressurge com velhos dilemas que não admitem fugas pelas frinchas nem desvios nas atitudes. Eis o *tonus* desta conjuntura internacional. Hitler saúdara a primavera. Churchill parece saúdar o calor.

DEPRESSA! DEPRESSA!

WILLKIE

Temos de andar depressa, se queremos ganhar a guerra — é a frase de Olliver Syttletone, o novo ministro de Estado que a Inglaterra delegou para o Cairo a fim de coordenar ali, sem necessidade de consultas a Londres, os assuntos imediatos do Próximo e Médio Oriente, funções similares às que Eden e o general Dill também ali exerceram durante a crise balcânica. E nessas nove palavras provàvelmente se contém todo o programa da nova fase da guerra.

Em Simla, na Índia, donde vai descer ao quartel general do Egipto, o sucessor de Wawell lançava no dia 4 esta outra ordem: «A melhor defesa consiste no ataque. Devemos atacar e atacaremos.»

Como um eco, no dia da Festa Nacional Americana, Wendell Willkie afirmava do outro lado do Atlântico, nesse mesmo dia: «Não há tempo a perder. O perigo está em cima de nós. Passaram os dias dos projectos e das promessas. Chegou o momento de agir. Está nas nossas mãos resolver se o destino comum da humanidade é a escravidão ou a liberdade».

Reforços chegavam à frente da Líbia, numerosos e insistentes, provindos da Austrália, da Nova Zelândia e da África do Sul. Constava que o exército imperial contava no dia 6 cêrca de 700 mil homens. Naquele quadro da imensa batalha geral, quer em Tobruk quer em Sollum, os italianos e alemãis sentiam quási diàriamente investidas do inimigo a remorder-lhes frente e retaguardas. Wilson recebia na Síria ordens firmes para acabar com a campanha reduzindo Beirute, derradeiro baluarte do general Dentz.

Em Junho, o Almirantado parecia satisfeito ao revelar que se a batalha do Atlântico ainda não foi ganha pela Inglaterra, também o não foi pela Alemanha, e dias depois do almirante Raeder anunciar que fôra atirada para o mar uma nova vaga de submarinos — a segunda em prazo relativamente curto, o que tem singular significação neste momento — outra vez o Almirantado acudiu a dizer que havia sintomas de ser eficaz a nova táctica seguida por êle na defesa das travessias dos comboios de abastecimento.

A aviação inglêsa continuava dia e noite a atacar com fera e incansável dureza a Alemanha, a zona ocupada da França nas regiões do interior, visando não só os centros dos abastecimentos mas o castigo das cidades. «Havemos de fazer sentir ao povo alemão o que sofreu o povo de Londres, de Coventry e de Liverpool», avisara Churchill. Os novos bombardeiros desciam até à Alsácia e ao interior do Reich e ao sul da Itália.

Em Londres, nos bairros populares, as mulheres ao ouvir o ronco dos motores aéreos que abalavam para o continente, continuavam a clamar: — Churchill vinga-nos!

Eden a 5, respondia-lhes: «A guerra será conduzida com maior incremento nos próximos meses».

E nas ruas da capital da metrópole britânica, jornalistas norte-americanos, ouviam preguntar:

— E Berlim? E Paris?...

A OSCILAÇÃO DA BALANÇA

BRAUCHITSCH

Tudo isto modifica o cariz dos tempos. No ano passado e no comêço do corrente a Alemanha possuía o exclusivo da iniciativa nos golpes, e Londres ou aguardava inquieta ver qual o local onde ela iria despedi-los ou, sabendo-o, não podia acudir a tempo e com as fôrças necessárias a retorquir-lhes.

A guerra mudou, pois, de quadrante militar e político. Os homens de Estado que fizeram os seus planos para a hipótese de uma Inglaterra em riscos de afasia, têm necessàriamente, e tão de-pressa como ela, de rever êsses planos, contar com o reatamento da tradição britânica, e passar também para aquele novo quadrante. Não podem ficar para trás quando os acontecimentos metem à carga. Os horizontes já são outros. Pesadas brumas ainda velam a nossos olhos a sua configuração exacta. Mas divisam-se já seus grandes pontos de referência, como a distância, na navegação, os contornos dos cimos das mais altas montanhas dos continentes próximos avisam de cautelas nos rumos os comandantes dos vapores ao largo...

Porque se operou esta transformação?

Porque, num determinado momento, o sobressalto britânico coincidiu com um dos maiores acontecimentos da guerra e da política internacional: — a invasão da Rússia pela Alemanha, atirando para leste o grosso dos esforços do grande exército alemão, na altura decisiva da batalha do Mediterrâneo e da sua ameaça vital às comunicações do império inglês.

Podemos medir agora a seriedade das resoluções que a 22 de Junho houve de tomar o general Von Brauchitsch no grande quartel-general do alto estado-maior alemão que como em 1916-1917, parece haver assumido a direcção integral da política e das operações da guerra.

Mas entre rematar a campanha vitoriosa no sul e procurar a leste uma vitória que facultasse pôr a Londres, na cola de Rudolfo Hess, uma intimativa de paz *sine qua non*, o estado maior alemão, seguindo a visão de Hitler, preferiu o alvo político mais directo e mais urgente.

Os silêncios famosos do *Führer* significaram precisamente a preocupação nutante a que o problema dessa preferência o obrigava, sob o estimulante acicate da situação dos abastecimentos do Reich e da necessidade (que determinara todo o plano geral da guerra fulminante) de chegar ao fim ràpidamente e poupando ao máximo as fôrças e o moral do Reich e o prestígio do partido.

Há na Inglaterra um problema paralelo a êste. A história dirá se o de Berlim, diante do de Londres, foi bem pesado, encarado e resolvido.

O QUE VEM DE LESTE

DIETL

A campanha da Rússia — designação que tão tràgicamente revive na história — prossegue. A guerra das cifras já amainou. Os cronistas militares continuam a concluir que a campanha vai lenta e para fora de tôda a possibilidade do *Blitzkrieg*. O avanço alemão é inequívoco até agora, mas a reacção russa condensa-se à medida que a ofensiva germânica toca e morte no sistema da Linha Estaline. E o que acima de tudo importa para o objectivo político alemão não é que êsse sistema seja ou não perfurado, mas a dilação forçada do ataque o grau de profundidade da resistência e o custo do desgaste, àcêrca do qual ainda não há notas e informações precisas e só o tempo nos seus efeitos, há-de revelar.

A questão das reservas russas e alemãs é colocada pelos críticos militares em primacial lugar.

Por isso mesmo, desde o norte, sob o comando de Dietl, até ao Prut, às ordens de Von Litz, o exército alemão há mais de vinte dias procura a todo o custo e a todo o preço meter na cintura das fortificações inimigas o cartucho de explosão que a desfaça, rasgando brecha por onde jorre irrompente a massa da grande manobra estratégica destinada a desarticular o exército russo.

É a primeira e suprema finalidade da ofensiva político-militar do Reich, não contra o comunismo, mas contra o inimigo que Bismarck sempre temeu.

Dentro dessa finalidade está a outra, importantíssima para o Reich, de fazer cessar a campanha, de alcançar o seu fito político o mais de-pressa possível, antes que noutros teatros da guerra apareçam maiores cuidados, antes que assomem os flagelos do inverno que naquelas paragens bem cêdo começam a silvar, chicotear e intourir e que caíram como calamidade na subsistência das populações da Europa.

NO TRANSE AGUDO

WHEELER

Ora, as complicações começam a aparecer.

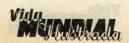
Os adversários da Alemanha estão a aproveitar hora por hora tôdas as *chances*.

No dia 5, o senador norte-americano Wheeler que capitaneia a oposição à política de Roosevelt, forneceu, sob color de informação aos jornalistas, um aviso à Alemanha de que os Estados Unidos iam ocupar a Islândia. Como se sabe, após a ocupação alemã da Dinamarca, a ilha tornou-se independente e recebeu tropas britânicas. O aviso era para 24 de Julho. A propositada inconfidência de Weeler a favor do inimigo deu apenas como resultado que a 7, a ocupação já estava feita por 80 mil fuzileiros e pela esquadra da grande república.

Preparava-se na Alemanha o assalto à ilha, que é o ponto de apoio do corredor dos comboios de abastecimento à Grã-Bretanha?

Assim se alegou em Washington para justificar ter-se passado para dentro da zona do bloqueio, praticando o primeiro acto de franca e hostil intervenção militar dos Estados Unidos na guerra. A esquadra de Mardson recebeu ordens amplas para defender a liberdade da navegação.

Berlim não considerou nem podia considerar de outra maneira. É «uma punhalada nas costas», é uma «aventura perigosa», disse a Wilhelmstrasse, advertindo Roosevelt de que vai sofrer-lhe as con-

(Continua na pág. 19)

O ex-REI Carol no exílio

O EX-REI CAROL INSTALOU-SE EM CUBA. Um ano depois da sua saída da Roménia e da abdicação no seu filho Miguel, o antigo soberano alcançou a América, onde vai repousar, pondo assim ponto final na sua agitada vida política. As fotos que publicamos mostram-nos alguns aspectos da sua viagem no Atlântico. O barco que o levou parou nas Bermudas. Êste arquipélago de 50 quilómetros quadrados não tem automóveis. O ex-rei e Madame Lupescu tiveram, por isso, que dar os seus passeios de trem (à esquerda). Em baixo: à esquerda, Magda Lupescu e um pequenino companheiro de viagem brincando com os seus «pékinois»; à direita, Carol, de boina basca, deixa fotografar-se ao lado do capitão Kuhn, comandante do transatlântico «Excambion».

o caso da semana

A Ucrânia, nova terra da promissão, primeiro objectivo de guerra do Reich

por Carlos Ferrão

NUM discurso que proferiu na Câmara dos Comuns em 9 de Abril, o Primeiro Ministro da Grã-Bretanha permitiu-se fazer uma profecia: «É muito arriscado dizer em que direcção, ou em que direcções, Hitler vai empregar êste ano a sua máquina de guerra. Mas há alguns sinais que preludiam uma tentativa alemã para assegurar a posse do celeiro ucraniano e dos campos petrolíferos do Caucaso. O Reich procura assim os recursos com que tentará dominar o mundo de língua inglêsa.»

Duas semanas depois, a 27, num discurso rádiodifundido, Winston Churchill completava assim as informações que prestára na Câmara: «A guerra pode alastrar à Espanha e a Marrocos; pode alastrar também para leste, à Turquia e à Rússia. Os alemães precisam apoderar-se, durante algum tempo, dos cereais da Ucrânia e dos petróleos do Caucaso. Precisam dominar o Mar Negro e aproximar-se do Mar Caspio.» Menos de dois meses depois, a 22 de Junho, as tropas alemãs entravam em território russo.

O Primeiro Ministro da Grã-Bretanha não possui dons divinatórios. Tem o horror das antecipações arriscadas e das suposições inconsistentes. Foi êle que escreveu num dos seus livros de «Memórias» que, quando se desencadeia uma guerra, ninguém pode ver com clareza, para além dum período de algumas semanas. «O que cada um de nós tem obrigação de fazer — acrescentou êle — é prever dentro dêsse limite e tomar em relação ao que se prepara as medidas aconselhadas pelas circunstâncias.»

Desta vez, Winston Churchill tinha indícios seguros da intervenção alemã nos Balcãs, que tornava cada vez mais aguda a rivalidade germano-russa e as lições, velhas apenas dum quarto de século, colhidas na última conflagração. Em 1916 e 1917, a Alemanha do Kaiser lançava, igualmente, as suas vistas para a Ucrânia, dadas as dificuldades criadas pelo bloqueio britânico; e preparava as duas campanhas do Caucaso que, sob o comando de Von der Goltz, lhe deram os carburantes com que Ludendorff pôde desencadear, na primavera de 1918, a ofensiva que se ia liquidando com um desastre irremediável para os aliados.

Relendo o «Mein Kampf»

O antigo embaixador britânico em Berlim, Sir Neville Henderson, deixou-nos em «Dois anos junto de Hitler» o testemunho dum diplomata que se esqueceu da principal ferramenta do ofício. Nomeado para representar o seu país junto do Govêrno do Reich ignorava ainda, ao sair de Buenos Aires para ocupar o seu novo posto, a doutrina nacional-socialista divulgada em livros, em folhetos, em revistas e em jornais, as concepções dos chefes de partido e as suas ideias em matéria de política externa.

Winston Churchill é um leitor aturado do «Mein Kampf». Citou-o, com freqüência, nos debates parlamentares quando, deputado do partido que constituía a maioria governamental, se cotara como o mais categorizado chefe da oposição. Recordou as suas passagens essenciais em artigos de doutrina e de polémica. Fêz da sua leitura a chave da acção que vem desenvolvendo desde que, em Maio do ano passado, assumiu o pesado encargo de encaminhar e salvar o Império britânico.

Na edição integral do livro que fêz a celebridade do Fuehrer, antes que a fortuna política lhe confiasse os destinos do Reich, o homem de Estado inglês lera, há mais de quinze anos:

«Nós outros, nacionais-socialistas, repudiamos abertamente a orientação da política externa alemã seguida antes da última conflagração. Nós começamos, precisamente, onde os nossos antepassados se detiveram há seiscentos anos. Nós paramos a marcha dos germanos em direcção ao sul e ao ocidente da Europa e lançamos os nossos olhares para leste. Pomos termo à política comercial e colonial anterior à guerra e inauguramos a política territorial do futuro. E se falamos em novas terras, não podemos deixar de pensar, antes de mais nada, na Rússia e nos países limítrofes que dela dependem.»

O GENERAL LIST, COMANDANTE DOS EXÉRCITOS ALEMÃES que avançam sôbre a Ucrânia, conversando com o chefe do Estado Maior do Reich, general Brauchitsch.

A Ucrânia é o principal dêsses países limítrofes. A leitura do «Mein Kampf» indicara ao Primeiro Ministro da Grã-Bretanha que, cedo ou tarde, ela seria um dos aspectos da guerra do Terceiro Reich.

As riquezas da Ucrânia

A Ucrânia, que é uma das repúblicas incorporadas na União Soviética, abrange as regiões do sudoeste do antigo império dos czares entre o Mar Negro, a península dos Balcans e a Rússia Branca. Tem uma superfície aproximada de 170.000 km.² e uma população que anda à volta de 35 milhões de habitantes. A capital é Kiev; as outras cidades principais são Khaskov, Zaparoche, Agorstol, Kramatorsk, Luganks (Voroshilovgrado).

O país é habitado por uma população com características inconfundíveis, os ucranianos. Antes de se iniciar o actual conflito, havia minorias ucranianas na Polónia, na Hungria e na Roménia. As aquisições territoriais, feitas pacìficamente pela U. R. S. S. a favor do pacto germano-russo de 23 de Agôsto de 1939, transferiram, de novo, parte dessas populações para o domínio dos sovietes. Os ucranianos têm língua, literatura e costumes próprios. A sua originalidade e as suas qualidades explicam a existência dum movimento separatista de envergadura.

É freqüente ouvir chamar à Ucrânia o celeiro da Rússia. A produção agrícola, excelente e abundante (a terra negra foi em todos os tempos um motivo de cubiças e um pretexto de conquistas) não constitui, porém, a maior riqueza do país. Dez milhões de toneladas de cereais, equivalem a 8 % da colheita mundial; vinte milhões de toneladas de batatas são 9 % do que o resto do mundo produz. Para efeitos de consumo interno, a Ucrânia produz um quinto dos cereais e das batatas que o mercado russo consome.

No quadro da produção industrial da U. R. S. S. as estatísticas de 1940 revelam, porém, números mais interessantes: 3/5 do ferro em barra, 3/5 do minério de ferro, 3/5 do carvão, 3/4 do alumínio, 1/2 dos metais laminados, 1/2 dos superfosfatos, 1/2 da soda que a União dos Sovietes consome vêm da Ucrânia. É na Ucrânia que se encontra a grande central eléctrica do Dnieper (Dnieproges), junto da histórica fortaleza dos cossacos de Zaparozhe. Rica em cereais, a Ucrânia é riquíssima em metais e carvão. Assim se explica a sua história agitada.

O movimento separatista

Os patriotas ucranianos, os que, por milhões, vivem dentro das fronteiras do país e os que, por centenas de milhar, vivem no estrangeiro, emigrantes uns, exilados outros, sonham com a independência. O seu objectivo é comum; a tática com que procuram realizá-lo diverge, de grupo para grupo. Antes de se iniciar o actual conflito, havia chefes autonomistas que queriam submeter-se a Moscovo para enfrentarem Varsóvia e Bucareste; outros que desejavam entender-se com os polacos e com os romenos para se libertarem dos sovietes.

Um grupo, pouco numeroso mas activo, manteve, desde a última conflagração, relações estreitas com os alemães, qualquer que fôsse o govêrno instalado em Berlim. As vicissitudes desta guerra alteraram profundamente os dados iniciais do problema da independência ucraniana. O pacto germano-russo lançou uma certa perturbação nos meios afectos ao Reich. A hostilidade latente entre os signatários dêsse instrumento diplomático animou sempre os ucranianos afectos à causa alemã a prosseguirem no seu caminho. Os acontecimentos deram-lhes razão ao fim de quási dois anos. Há, porém, um grupo bastante numeroso, incitado e financiado pelos patriotas que emigraram para os Estados Unidos e para o Canadá, que confia da vitória dos países anglo-saxónicos, como ontem confiava da vitória das democracias ocidentais, o triunfo final da sua causa.

No território dos Estados Unidos publicam-se actualmente mais de sessenta periódicos em língua ucraniana. No Canadá, o entusiasmo dos emigrados da Ucrânia pela causa da Grã-Bretanha é tal que foram êles os primeiros a alistar-se voluntàriamente no exército imperial e especialmente nos serviços da aviação. As necessidades da guerra fizeram, como há vinte anos, do Reich nacional-socialista o campeão da independência ucraniana. Para se concretizar, esta tendência depara com obstáculos que os dirigentes alemães procuram remover.

Acontecimentos da SEMANA

Em baixo: ANTONIO FERRO, director do Secretariado da Propaganda Nacional e presidente da Direcção da Emissora Nacional, com algumas das individualidades que lhe foram apresentar cumprimentos de despedida quando da sua recente partida para o Brasil e outros países sul-americanos.

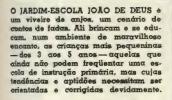
A MISSÃO ESPECIAL que amanhã parte para o Brasil em representação do Govêrno português para agradecer a significativa presença da embaixada brasileira nas nossas festas centenárias de 1940.

O SR. DR. COSTA LEITE (Lumbrales), com o seu Estado Maior, na festa legionária que, no domingo passado, se efectuou no regimento de Caçadores 5.

AS ALUNAS DO CONSERVATÓRIO NACIONAL que, no domingo, prestaram provas finais de exame

LUIZ FORJAZ TRIGUEIROS foi homenageado pelos funcionários da Companhia dos Telefones com um almôço a que presidiu, tendo à sua direita o sr. eng.º John Smart, e à esquerda o sr. J. Mitchell. Em frente, vêem-se os srs. eng.º Armando Ferreira, Salvador Correia de Sá, Manuel Ferreira e Luiz Ferreira.

Dos 3 aos 5 anos
Os Exames no jardim escola JOÃO de DEUS

O JARDIM-ESCOLA JOÃO DE DEUS é um viveiro de anjos, um cenário de contos de fadas. Ali brincam e se educam, num ambiente de maravilhoso encanto, as crianças mais pequeninas — dos 3 aos 5 anos — aquelas que ainda não podem freqüentar uma escola de instrução primária, mas cujas tendências e aptidões necessitam ser orientadas e corrigidas devidamente.

JARDIM DAS FLORES MAIS BELAS, escola das mais gratas ilusões, ali se efectuaram há dias as provas finais do curso dêste ano. De cima para baixo: três alunas construindo cadeiras, no exame de trabalhos manuais; as ruidosas provas de canto coral, em conjunto, e os primeiros exames escritos.

A BIOGRAFIA COMO OBRA DE ARTE

(Cont. da segunda página)

de Macedo e no **João das Regras**, eliminando os materiais inúteis, não descurou, todavia, essas indicações sugestivas. Daí o carácter vivo e humano dos dois retratos.

Há ainda um facto importante a considerar. Uma obra de arte é para o seu autor um meio de expressão. Uma biografia moderna, como obra de arte, pode também ser para o biógrafo uma ocasião de se libertar dos fortes sentimentos que, no decorrer dos anos, se acumularam na sua alma e se encontravam contidos por falta de oportunidade de os expandir. Carlos Olavo nutriu desde a juventude a paixão pela vida dos grandes homens da história nacional ou universal. Os panfletários, os polemistas, os jornalistas políticos, os oradores, os homens de Estado que se tornaram célebres no passado, mereceram, ao seu espírito ávido de curiosidade, um atractivo particular. A sua biblioteca é recheiada de obras e de documentos reveladores destas suas phedilecções literárias e históricas.

Quis Carlos Olavo reconstituir algumas figuras de jornalistas e panfletários portugueses. Escolheu primeiro a José Agostinho de Macedo e promete, no prefácio, chegar oportunamente até Emídio Navarro. Com o seu **João das Regras** vê-se que o apaixonou também o homem de Estado íntegro e o jurisconsulto esclarecido, o patriota insigne que, numa hora inquietadora de grave crise para a independência de Portugal como nação livre, pôs a sua inteligência arguta e previdente e a sua vontade firme e resoluta, na tarefa da consolidação jurídico-política dos magníficos resultados alcançados pela valentia heróica e decidida dos nossos inolvidáveis soldados e chefes militares.

A elaboração dessas duas biografias nos seus moldes modernos de obra de arte, quere-me parecer que foi, para o seu autor, simultâneamente, um meio de expressão. Elas correspondem a uma necessidade secreta da sua natureza, foram ensejos para se desembaraçar dos sentimentos durante muito tempo acumulados na sua alma, nas horas de meditação, através os estudos a que se consagrou ou das leituras em que se deleitou. Daí a emoção e a sinceridade que palpitam nas páginas daqueles dois livros, o vigor caloroso transmitido aos seus conceitos, às suas deduções, a vibração comunicativa insuflada nalgumas passagens excelentes da sua prosa aliás sempre quente, clara, agradável.

Não se diga que as duas produções biográficas não dêem lugar a certas objecções e a alguns reparos. Mas se se confrontar, com cuidadosa atenção, as duas obras, verificar-se-á que no **João das Regras** assinálam-se mais sobriedade no método, uma mais reflectida prudência no arranjo do conjunto, um desejo honesto de moderar os impulsos do temperamento. É que na **Vida de José Agostinho de Macedo** o espírito crítico de Carlos Olavo, por vezes contundente e cáustico, prepondera, pretende impôr-se; a faculdade de julgar o seu herói excede os justos limites aconselhados numa biografia como obra de arte.

Nesta matéria não há regras dogmáticas a estabelecer. É uma questão, sobretudo, de tacto. Um biógrafo deve ter sempre em conta que a exposição dos factos, a reconstituição serena da verdade, a transposição artística da realidade, em suma, não possam ser perturbadas pela exuberância dominadora do espírito crítico. Neste caso o leitor pode hesitar, pode deixar-se influenciar mais pela seducão irresistível dos julgamentos um pouco mais vivos. Carlos Olavo demonstrou no **João das Regras** êsse tacto, o que é próprio, aliás, de quem possue um talento maleável e sabe disciplinar as expansões da sua natureza vigorosa.

Vida Mundial Ilustrada

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Continente e Ilhas: 3 meses (12 números) — 11$00; 6 meses (24 números) — 22$00; 12 meses (48 números) — 43$00. — Africa: 12 meses (48 números) — 60$00.

Estrangeiro c/convenção — 12 meses (48 números) — 65$00.

Estrangeiro s/convenção — 12 meses (48 números) — 80$00.

COMPOSTO E IMPRESSO nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), L.da — Tr. da Condessa do Rio, 27 — Lisboa.

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS

Em Portugal e Colónias: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 19, 2.° Telef. 2 6942 — Lisboa

Visado pela Comissão de Censura

a R.A.F. no norte de Africa

CONTRA-TORPEDEIRO ITALIANO afundado no pôrto de Benghasi pelos aviões da R. A. F., durante um dos «raids» de bombardeamento efectuados pela arma aérea britânica contra as posições inimigas no norte de África.

UM CABO DA R. A. F. examina uma bomba de 500 quilos, antes dela ser colocada no avião que a irá largar lá longe, do outro lado do deserto.

À ESQUERDA — Em cima: Num aeródromo do Egipto um bombardeiro «Wellington» — de grande envergadura e raio de acção — prepara-se para a realização dum «raid» aos portos da Líbia. Em baixo: Os mecânicos dum aparelho de «caça» acabam de encher os reservatórios do avião. O pilôto já está no seu lugar, pronto a fazer a manobra da descolagem.

AS RAPARIGAS FINLANDESAS das organizações auxiliares da guerra recomeçam a sua nobre actividade ao serviço do exército.

Em cima: UMA BOMBA DE AVIÃO ACABA DE CAIR NUMA POSIÇÃO ALEMÃ. O cavalo que puxava um carro de transporte de soldados levanta-se num ímpeto, não obedecendo ao comando. Êste curioso instantâneo foi obtido por um dos «repórters» fotográficos alemães em serviço na «frente» oriental — na Polónia.

BUCARESTE, CAPITAL DA ROMÉNIA, sofreu já os primeiros bombardeamentos soviéticos. Na foto, à direita, vemos uma das mais belas ruas daquela encantadora cidade: o «boulevard» Bratianu.

A campanha da RÚSSIA

HELSINQUIA, CAPITAL FINLANDESA, ABRIGA 30 MIL REFUGIADOS DA CARÉLIA, dos quais 600 são estudantes universitários. À direita, vemos a magnífica igreja do arquitecto Engel que domina a maior praça da cidade. Helsinquia é o verdadeiro símbolo da perseverança finlandêsa. Parcialmente evacuada, sofre as conseqüências dum reabastecimento precário e as incertezas duma nova guerra com a Rússia.

EM CIMA: Um aspecto do alistamento de finlandêses nas fileiras do Exército. À direita: O primeiro prisioneiro russo chega à rectaguarda. A sua bagagem é revistada com cuidado pelos alemães.

DEPOIS DE VIOLENTO COMBATE, os primeiros «tanks» russos acabam por se incendiar e os carros de assalto alemães avançam sôbre uma aldeia já em território russo.

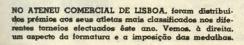
Vida PORTUGUESA

TRÊS ASPECTOS DA MAGNIFICA EXIBIÇÃO das classes de gimnástica feminina da F. N. A. T. efectuada nas Salésias.

A EXPOSIÇÃO DO «GRUPO DO LEÃO», reünindo alguns dos maiores valores duma geração que deu brado na vida portuguesa, inaugurou-se há dias, com muito êxito, na Sociedade Nacional de Belas Artes. Em cima, um grupo de artistas da «velha guarda» junto do quadro do «Leão de Ouro». A direita: O sr. Presidente da República, o ministro da Educação Nacional e outras entidades no acto inaugural do certame.

A EMISSORA NACIONAL organizou há dias, no Jardim Botânico, com a cooperação do S. P. N., um interessante espectáculo popular, que serviu de pretexto para a apresentação em público do Orfeão Popular de Lisboa que a E. N. criou e que Dias Pombo dirige proficientemente. Vestido sob figurinis de Tom, o novo conjunto vocal exibiu-se com muito agrado do público, que também aplaudiu Rosa Maria e Xavier Pinto (em cima, à direita), as vedetas da rádio Maria da Graça, Milu, Oscar de Lemos, Arménio Silva e outros artistas que entraram na festa. À esquerda, um aspecto da assistência.

O ESTÚDIO DO SECRETARIADO DA PROPAGANDA NACIONAL continua a revelar ao público obras dos nossos melhores artistas. Recentemente, inaugurou-se ali a exposição de Delfim Maia, que se vê na foto, à esquerda, com algumas das pessoas que assistiram ao acto inaugural do certame.

NO ATENEU COMERCIAL DE LISBOA, foram distribuídos prémios aos seus atletas mais classificados nos diferentes torneios efectuados êste ano. Vemos, à direita, um aspecto da formatura e a imposição das medalhas.

Aventura em S. José de Ribamar

Novela inédita de Augusto da Costa

1

Nesse tempo, aí por 1918 ou 19, o jôgo não era privilégio do Estoril, e havia ainda quem tomasse banho nas praias de Pedrouços e Algés. O Estoril estava longe de ser «internacional», e Cascais, com muitos **rr** na **Parrada** e na **prrraia**, mantinha o seu prestígio aristocrático. Quem tinha o vício de jogar, encontrava em Lisboa e arrabaldes muito por onde satisfazê-lo. A pequena burguesia não aspirava a disputar Cascais às elegâncias aristocráticas, a praia do Monte Estoril era cara para as suas posses e tinha muitas pedras (depois, coitada, veio a morrer de morte natural...); de modo que Pedrouços, Algés, Dáfundo, Cruz Quebrada, no verão, enchiam-se de gente que pretendia descansar, e as suas praias, pela manhã, regorgitavam de banhistas. À noite, dois casinos funcionavam, a pequena distância um do outro, na Alameda de Algés: o Casino de S. José de Ribamar, no comêço da Alameda, à esquerda de quem sobe para Carnaxide, e o Casino do Dáfundo, no fim da Alameda, defronte do Aquário Vasco da Gama. Em ambos se dançava, se via cinema, se tomavam carapinhadas e outros refrescos; mas tudo isto, afinal, não passava de chamariz para os jogos de azar que funcionavam no interior. Quem não tinha o vício do jôgo, nem dinheiro para extravagâncias, passeava na Alameda, dum lado e doutro da linha dos eléctricos. Os rapazes, em grupos, já gozavam de liberdade para acompanhar as raparigas (em grupos também); e dos encontros e «vai-vens» da Alameda resultaram muitas aventuras sentimentais — algumas acabadas em bem, na igreja, outras acabadas em reticências, outras acabadas francamente mal, algures. Tal e qual como hoje, nas praias do Estoril, porque, no fim de contas, não há nada de novo sob a roda do sol...

2

Silvino, que não tinha recursos para sair de Lisboa a férias, apesar de solteiro, contentava-se com um passeio de eléctrico, tôdas as noites, até Algés. Para se dar a ilusão de que viajava em carruagem de luxo, rejeitava os carros abertos e os carros fechados mais antigos; quando apanhava o 344, ou outro da mesma série, ficava contente consigo próprio, instalava-se confortàvelmente do lado da janela, limpava o monóculo, abria um livro (nesta altura andava a ler os «Gatos») — e assim se deixava conduzir à velocidade vertiginosa de nove pontos, num eléctrico de boas molas, com travões de ar comprimido. A vida, afinal, não era tão feia como alguns espíritos azêdos a pintavam. Qualquer homem podia ser feliz, viajando num eléctrico confortável, por uma noite quente de verão, até Algés, vendo cinema de graça na esplanada de S. José de Ribamar, passeando na Alameda, entre grupos de raparigas bonitas. A vida chegava mesma a ser bela — para quem não tinha grandes ambições!

Nessa noite de Agôsto, deu-se na vida de Silvino um acontecimento extraordinário. Até certo ponto, podia reproduzir, minuto a minuto, quanto tinha feito; depois, havia na sua memória um hiáto fundo (direi antes: **certa confusão na sua memória**, porque se lembrava de coisas, **passadas**, sim, mas sem que êle soubesse dizer **onde** nem **como**...); depois, voltava a ter noção exacta das realidades, e lembrava-se perfeitamente das palavras trocadas ao entrar no quarto:

— Que lhe aconteceu, sr. Silvino? — preguntara-lhe a dona da pensão, ao notar o seu estado lastimoso.

— Não sei bem, uma coisa extraordinária; mas agora, do que preciso é de dormir...

E deitara-se, ainda em estado de meia consciência. No outro dia, ao acordar, fizera grandes esforços de memória para reconstituir os acontecimentos da véspera, mas nada: mistério impenetrável... Teria sonhado? Onde começara o sonho? Onde acabara? Doía-lhe o corpo, tinha a cara escalavrada, areia preta por detrás da orelha esquerda, o fato sujo, também do lado esquerdo; perdera o monóculo, o livro, a bengala, e sentia a bôca sêca, com um vago sabor a alcool... No meio de tudo isto, porém, havia coisas agradáveis de recordar: um automóvel, uma casa luxuosa, um criado preto, carinhos de mulher... Que demónio! Teria bebido? Mas com quem, se por sistema andava sòzinho? Se havia confusão entre realidade e sonho, Silvino não conseguia estabelecer os limites que separavam a realidade objectiva da realidade subjectiva...

3

Silvino desceu do eléctrico na zona de Algés. Subiu à esplanada do Casino de S. José de Ribamar. Tomou uma carapinhada, viu cinema, admirou raparigas. Depois — lembrava-se perfeitamente, não era sonho! — tinha resolvido ir um pedaço ao Casino do Dafundo, no outro extremo da Alameda; pagou a carapinhada, desceu a rampa, meteu pela Alameda fora, próximo da linha do eléctrico... Entrou no Casino? Chegou mesmo ao Dafundo? Aqui principiava a confusão na sua memória. Não: parecia-lhe não ter entrado no Casino, nem chegado sequer ao Dafundo... Que lhe teria acontecido no caminho?

4

...Quando abriu os olhos, Silvino viu à sua volta dois homens novos, com óculos de automobliista puxados sôbre a cabeça, que diziam coisas ininteligíveis com ar preocupado. Próximo, uma senhora, que devia ser muito nova, com uma bata branca de enfermeira. (Bata branca de enfermeira, ou «gabardine» de viagem?) Silvino tinha a impressão de estar estendido numa «chaise-longue», e de que a rapariga de bata branca lhe dava a beber gotazinhas duma bebida alcoólica mas aromática. Junto dela, com uma bandeja de prata na mão, e uma garrafa em cima da bandeja, encontrava-se um criado preto, de casaco branco... Onde estava? Quem era aquela gente? De quem era aquela casa? Silvino lembrava-se vagamente de ter andado de automóvel, sentado entre um homem e uma mulher; parecia-lhe que tinha sido transportado em maca, ou nos braços de qualquer pessoa; parecia-lhe que a mulher de branco, quando lhe levava o cálice aos lábios, lhe dizia palavras carinhosas, olhando-o com inquietação... Eram bonitos, os seus olhos — olhos muito escuros num rosto muito moreno... Quem seria ela? Parecia estar triste, preocupada com alguma coisa muito importante. Mas êle, Silvino, que fazia ali? Quem eram aqueles homens brancos e aquele criado preto? Quem era aquela mulher desconhecida, que o tratava com tanto carinho e lhe dava coisas saborosas a beber? Num momento de lucidez, ainda preguntou: «onde estou eu?»; mas não se lembrava da resposta que lhe tinham dado... Os olhos escuros daquela mulher de branco é que eram muito bonitos, e fazia-lhe bem vê-los. Como se chamaria ela? Ou não existiria mulher nenhuma naquela casa, e seria tudo sugestão dos livros que lia? Uma vez, tinha chegado a sonhar que dançava com a irmã dum rapaz seu amigo — que não tinha irmã nenhuma. Se calhar, também não havia mulher nenhuma naquela casa — e só êle, com os

...lindos cravos vermelhos, acompanhados por uma carta...

olhos da imaginação, via uma mulher, bonita e nova, vestida de branco, a dizer-lhe coisas carinhosas e a reconfortá-lo com bebidas fortes. Talvez tudo fôsse simplesmente sonho... Mas o sonho é parafuso-sem-fim, que roda sempre e não atarracha nunca, realidade que não conhece limites lógicos nem cronológicos, nem espaço, nem tempo: como a semi-recta, a partir dum ponto «O» = «Homem», o sonho é indefinido. Por isso Silvino, ao fechar mais uma vez os olhos, passou a ver o que os seus olhos não viam... Num campo inundado de flores maravilhosas, de perfume perturbante, caprichosas de feitio, uma virgem loira e pálida, vestida com alva túnica de sêda enfeitada de brocados, olhos muito azuis, a cabeça coroada de joias rutilantes, como as fadas dos contos infantis, conduzia Silvino pela arreata; — porque Silvino sentia-se nitidamente com forma de burro, e prendiam-se-lhe mais os olhos nos verdes da paisagem do que na virgem loira e pálida que o arrastava. Subiam uma alameda muito direita e muito longa, que parecia não ter fim, ladeada de ciprestes, atapetada de pétalas, que Silvino pisava sem respeito; e no alto da alameda, levantava-se um castelo roqueiro, com fôsso à volta, ponte levadiça, tôrre de menagem — e tudo mais quanto Silvino conhecia dos castelos vistos nas estampas. Chegados que foram à entrada do castelo, a virgem loira e pálida bateu, com uma varinha de cristal, três pancadas ligeiras no dorso do burro — e logo Silvino reapareceu com forma humana... A virgem loira disse-lhe então:

— Fiz-te burro, para te castigar por teres entrado nos jardins do palácio sem licença do meu Intendente. Os guardas prenderam-te porque andavas a colhêr rosas vermelhas, e queriam açoutar-te, quando eu sùbitamente lhes apareci. Ainda te deram algumas chibatadas que devem ter-te magoado, mas eu resolvi transformar-te em burro e trazer-te para o castelo. E sabes porque procedi assim? Porque te acho lindo! És o Príncipe que eu procurava para curar as tristezas do meu coração... Vais entrar no castelo, onde beberás os filtros mágicos do meu amor, e donde só sairás pela mão da Morte... Não te sentes com figura de Príncipe?

Silvino examinou-se, e viu que estava, efectivamente, vestido como todos os príncipes dos contos de fadas. Não viu o rosto, porque não tinha espelho; mas, se a Princesa o dizia, é porque era verdade... Enlaçou-a então pela cintura, e muito apertados, as cabeças juntas, os olhos levantados para o céu — transpuseram os dois a porta férrea do castelo, enquanto orgãos invisíveis tocavam a marcha nupcial de Mendelsson...

5

Agora, estava em casa, estendido na cama, com os ossos doridos. Quando abriu os olhos, não se viu em castelo roqueiro, mas num terceiro andar do Conde Redondo; em vez da Princesa, viu à sua cabeceira a dona da casa, que lhe dizia: «Sr. Silvino, tome o seu café, que são muito boas horas...» (eram onze). E dos filtros de amor, apenas guardava na bôca um sabor desagradável a bebidas alcoólicas... Silvino interrogou os seus botões: «que diabo bebi eu ontem à noite?» A carapinhada não deixava na bôca aquele sabor a papel de música... Nem poderia causar-lhe aquelas dôres no corpo... Levantou-se e reparou no casaco preto, posto nas costas duma cadeira, com as bandas sujas de terra. Foi ver-se ao espelho, e reparou na cara, tôda escalavrada do lado esquerdo. Quando se lavou, encontrou terra negra atrás da orelha, do mesmo lado. Relembrou então tudo quanto tinha feito na véspera à noite, até à hora de sair do Casino de S. José de Ribamar; e como era inteligente, Silvino deduziu e concluiu: — ou fui espancado por algum rival desconhecido, ou atropelado por algum automóvel; em qualquer caso, devo ter sofrido uma forte comoção cerebral...

E a verdade foi que, à noite, ao regressar a casa, Silvino encontrou no quarto uma dúzia de lindos cravos vermelhos, acompanhados por uma carta, escrita em papel azul esfarpeado, muito grande, com letra esguia, — a qual carta rezava assim:

«Tive muita pena do que lhe aconteceu esta noite... O meu marido é doido a guiar, mas o senhor não devia ir tão à beirinha da estrada... Quando o vi com os sentidos perdidos, fêz-se-me o coração tão pequenino, tão pequenino! Julguei que tivesse morrido; mas, graças a Deus, foi apenas uma ligeira comoção cerebral! Não tendo outra forma de manifestar-lhe o pezar que senti pelo acontecido, e de agradecer-lhe a forma gentil como se comportou, peço licença para lhe mandar alguns cravos do meu jardim, com tôda a simpatia da

Lúcia Lima.»

O mistério, agora, já não estava no acontecido, mas nas pessoas com quem o acontecimento se havia dado. Silvino leu e releu a carta, cheirou e tornou a cheirar os cravos vermelhos: só por causa da carta e dos cravos, começava a louvar o atropelamento de que havia sido vítima. E que lindo nome: «Lúcia Lima»! Se calhar, ela não se chamava assim, mas Teresa de Sousa, ou Irene da Silva, ou qualquer coisa do mesmo género: o que importava, porém — era aquele lindo ramo de cravos, que ali estava mergulhado na bacia do lavatório... E, por causa dos cravos, e da carta, a imaginação de Silvino — estando êle acordado — entrou a funcionar como parafuso-sem-fim, exactamente como se êle estivesse a dormir...

PANORAMA INTERNACIONAL

Competições aceleradas

(Continuação da página sete)

Por FRANCISCO VELLOSO

seqüências — que êle aliás devia esperar. Churchill não se demorou a explicar e frisar o alcance importante do facto:

«Continuamos a manter o nosso Exército na Islândia e, como tanto as fôrças britânicas como as norte-americanas têm em vista a defesa da ilha, parece natural que cooperem, estreita e eficazmente, na resistência a qualquer tentativa de Hitler para ali se instalar. O segundo princípio que, segundo o meu modo de ver, levou os Estados Unidos à ocupação da ilha, é a vontade e propósito expressos do presidente, do Congresso e do povo dos Estados Unidos de, não só enviar todo o auxílio possível à Inglaterra, como também garantir que nós o recebamos. É também esta uma atitude da qual os Estados Unidos têm de assumir a plena responsabilidade.

«Além desta situação, as fôrças dos Estados Unidos na Islândia terão de ser apoiadas por mar. Estas expedições de fôrças americanas por via marítima terão de atravessar águas muito perigosas e, como passa através dessas águas o nosso maior tráfego marítimo, é possível que se julgue de mútua vantagem para as duas Armadas interessadas a assistência recíproca, conforme fôr mais conveniente.»

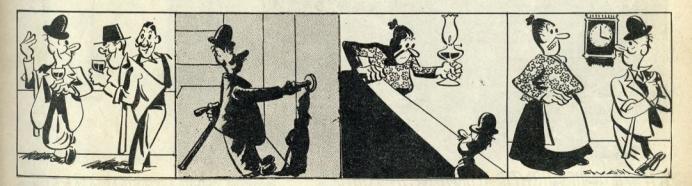
Na história das relações anglo-americanas estas palavras de Winston Churchill vibram como um som de incalculável timbre. A entrada dos Estados Unidos na guerra era uma previsão incerta. Agora está lògicamente inevitada. Mas ela não se fêz por apêlo da Gran-Bretanha. Faz-se por adesão autónoma dos Estados Unidos no quadro do bloco dos países de língua inglêsa, e portanto sem deminuïção de prestígio de Londres no *Commonwealth* e diante da América do Norte, e do de Washington perante as Américas. Era o problema. Ficou resolvido.

E êste gesto norte-americano é de tal poder, que se repercutiu em Vichy: — o general Dentz capitulou em Beirute sôbre o texto dum armistício. É a primeira resaca da onda. Não será a última.

Venham de-pressa! — clamava Smuts há meses. Goebbels insultou-o no *Das Reich*.

Nunca a palavra *de-pressa* fremiu tanto. No relógio da história, os ponteiros aceleram-se.

ENTRE AS DEZ E AS ONZE

Por Stuart Carvalhais

— Ó compadre! Com êste calor não há maneira de secar as guelas...
— Tem razão. Cá para mim, os chafarizes, no verão, deviam ter vinho em vez de água — que é uma coisa que não presta mesmo para nada...

— Como o tempo passa! Eu não sei as horas que são — mas tenho a impressão de que já deve ser tarde... E logo hoje que a minha Joana me tinha pedido para não me demorar, para vir entre as dez e as onze...

— Seu desgraçado, seu desvergonhado! Então isto é que são horas de vir para casa?...
— Ó filhinha! Eu peço desculpa, mas isto é cedíssimo... É só uma hora... Só uma...

— Você é um mentiroso, um trapalhão! Diz que é uma hora da noite e o relógio está a dar quatro.
— E tu és uma parva, uma estupidarrona, que não vês que o relógio é de repetição...

a ofensiva aérea da INGLATERRA

PROSSEGUE VIOLENTA A OFENSIVA AÉREA DA R. A. F. contra a França ocupada e os grandes centros industriais e mais importantes objectivos militares da Alemanha, especialmente da Renânia. Esta foto mostra-nos um dos grandes bombardeiros de construção americana empregados nessa ofensiva — uma das «Fortalezas-volantes» Boeing. Êste famoso bombardeiro pode transportar 4 toneladas de bombas, cobrindo um raio de acção de 6.400 quilómetros à velocidade de 488 quilómetros por hora. Junto dos pilotos desta «Fortaleza-volante», vê-se o Marechal do Ar, Sir Charles Portal, chefe supremo da arma aérea inglêsa.